

OS FALARES DIALETAIS COMO EXPRESSÃO DA VIDA PESSOAL E FAMILIAR

(Relato de uma experiência pessoal)

Resumo

O presente texto tem como objetivo primeiro mostrar que os falares dialetais estão intimamente relacionados com a vida cotidiana das pessoas, seja sob o ponto de vista da expressão individual, seja sob o ponto de vista da comunicação do coletivo familiar. Basta lembrar o fato de que as "línguas" dialetais morrem, no sentido radical da palavra, com o desaparecimento de seus falantes. Sua existência depende exclusivamente do falar, pois não há gramática, nem léxico e, muito menos, literatura. Em princípio, são línguas da oralidade e não da escrita.

Dois pontos fundamentais constituem o fio condutor deste relato. O primeiro busca descrever o surgimento de uma língua dialetal, segundo uns, ou neolatina, segundo outros, ocorrido no Rio Grande do Sul entre os imigrantes italianos do final do século XIX. O segundo aponta as diferentes condições que levam um falar dialetal a se desenvolver ou a desaparecer, sempre tendo como referência os acontecimentos observados no cenário das quatro Colônias imperiais instaladas no território do Estado do Rio Grande do Sul.

Quero lembrar que não se trata de uma pesquisa de rigor científico, mas de um relato da experiência de quem viveu toda a infância e parte da juventude inteiramente no interior desta atmosfera cultural, cuja comunicação, predominantemente, acontecia em dialeto vêneto. Completando essa experiência pessoal, surgiu, a partir de 1978, uma curiosidade provocada pela situação da Quarta Colônia em relação às outras três Colônias. Portanto este texto faz parte da seqüência de outros textos, alguns já publicados.

Prof. Silvino Santin
Santa Maria, 31 de julho de 2002

OS FALARES DIALETAIS COMO EXPRESSÃO DA VIDA PESSOAL E FAMILIAR

(Relato de uma experiência pessoal, apresentado em Cima Sapada – Itália - no Convegno: I Confini dei Dialetti. Agosto de 2002)

1. Observações Iniciais

Julgo importante, antes de entrar no assunto propriamente dito, apresentar duas observações porque, no meu entender, são, talvez, não indispensáveis, mas certamente significativas para avaliar o presente estudo ou exposição que vou apresentar.

Tal atitude se justifica porque, quando se apresenta um estudo, segundo as normas e os ensinamentos, recebidos na universidade, é preciso apontar a teoria científica sobre a qual se realiza a investigação. Também, sempre segundo esses procedimentos, não se pode deixar de explicitar claramente a metodologia adotada. Infelizmente, para decepção dos cientistas, não posso cumprir essas duas exigências, tornando pouco aproveitáveis os ensinamentos acadêmicos. A razão é simples. Trata-se, mais do que de uma pesquisa, de um relato de uma experiência pessoal. O que invalidaria a priori a objetividade exigida pelo fazer científico. Assim, pareceu-me que não seria possível aplicar o rigor dos procedimentos da pesquisa científica sem contaminar a peculiaridade do vivido, acontecido aleatoriamente. Diante disto surgiu a necessidade das duas observações, uma sobre o tipo de estudo, outra a respeito das características do pseudo pesquisador, ou seria apenas narrador ou depoente?

1.1 O tipo de estudo

Em primeiro lugar, como já foi dito, não se trata de um estudo no estrito sentido, mas de um olhar que se volta sobre fatos pessoais acontecidos e vividos pelo pesquisador, se assim pode ser designado. Trata-se, na verdade, de uma experiência pessoal, que se desenrolou num tempo relativamente distante, sem acompanhamento, sem precisão e sem intenção. Por isso, seja mais correto falar em vida pessoal, como existência espontânea, na qual a forma dialetal constitui a linguagem única de comunicação, seja como expressão individual, seja como comunicação familiar e inter-familiar.

Não há, aqui, a preocupação de fazer uma análise dos fatos ou situações, mas apenas de descrever o desenrolar de um período existencial com a máxima fidelidade. Falar de algo que transcorreu da mesma maneira como a neve que cai na montanha, como a árvore que cresce na floresta ou como a água que corre no leito do rio. Nada de transformar em conceitos abstratos ou teorias científicas.

O importante é não separar a palavra da coisa dita, o sujeito falante do objeto falado. Os fatos são sentidos, vividos e revividos; e não pensados, repensados e refletidos; de tal maneira que tudo esteja tecido por uma unidade complexa que somente ocorre como vida vivida. Uma realidade que os intelectuais, nestes últimos anos, descobriram e anunciaram, como grande novidade, mas que, de fato, não passa de uma dimensão humana perdida. Nada de estranhar já que, durante vários séculos, algumas gerações de cientistas foram habituadas a trabalhar representações abstratas da realidade.

1.2 Características do pesquisador-depoente

A segunda observação é sobre o autor deste estudo, responsável pela coleta dos dados. Inicialmente, quero dizer mais uma vez que, como o estudo não segue os procedimentos científicos, não houve a mínima preocupação com as exigências de um

observador neutro, o que não significou renunciar ao compromisso com a fidelidade dos acontecimentos. Ao contrário, ficou claro que o pesquisador se apresenta plenamente comprometido com toda sua subjetividade. Mais do que analisar falares dialetais ou um dialeto, buscou-se transcrever a vivência de uma fala dialetal, como discurso vivo e vivido.

Neste sentido, dois aspectos devem ser considerados. O primeiro diz respeito à formação intelectual e acadêmica. Não se trata de um especialista em lingüística, nem em etnologia, nem em antropologia ou psicologia da cultura. A formação acadêmica desenvolveu-se em filosofia e, nos cursos de pós-graduação, as pesquisas aconteceram em filosofia da linguagem. É nesta última área que nasceu a preocupação com as línguas faladas e falantes, com as línguas científicas e das máquinas, com as línguas artificiais e vividas. O segundo aspecto, além de oposto ao primeiro é a fonte original de todas as informações. refere-se à circunstância de estar totalmente envolvido pela atmosfera de uma fala dialetal, e de ter vivido em todas as dimensões um ambiente onde não havia a mínima necessidade de outra língua além do dialeto. Fato que possibilitou, ainda que involuntariamente, colocar-se como cúmplice do fenômeno, e não como espectador estranho. Volto a insistir, esses fatores, evitados pelas pesquisas científicas, entretanto, aqui, são adotados como condições fundamentais de objetividade dos fatos. O que, sem dúvida, é um privilégio que enriquece e valoriza uma pesquisa, e não uma limitação como, freqüentemente, os cientistas modernos afirmam.

Se o pesquisador falar sobre a língua italiana ou, como habitualmente se diz, o dialeto vêneto, falado no Rio Grande do Sul, ele produzirá um discurso do lado de fora, como observador independente, trabalho reconhecido como científico. Se alguém que falou e fala este dialeto; viveu e revive o universo cultural onde a fala dialetal era a única forma de expressão e de comunicação verbais, certamente, ele poderá fazer um discurso testemunho. A qual dos dois deve-se dar maior credibilidade? Em nenhum momento hesito em proclamar o segundo. Por isso faço minhas essas palavras de Edgar Morin: "Eu não escrevo de uma torre que me subtrai da vida, mas do interior de um turbilhão que me implica em minha vida e na vida".

Neste particular há, me pareceu, um dado muito instigador, porque original, estranho e inusitado. Peço licença para referir-me a mim mesmo - e nesta circunstância pode-se colocar a quase totalidade dos descendentes italianos na primeira metade do século passado(XX) - que, rigorosamente falando, não se é nem brasileiro, nem italiano. Diria, trata-se de um italiano de sangue, cultura e língua - ainda que dialetal - mas sem a Itália como pátria; e, ao mesmo tempo, um brasileiro de nascimento, mas sem a cultura e sem a língua e tendo o Brasil como sua pátria. Dito de maneira simplificadora, estamos diante de um italiano cultural e de um brasileiro geográfico. Literalmente: estar no Brasil e ser italiano. Devo ressaltar que esse "estar no Brasil" e esse "ser italiano" não podem ser entendidos no sentido atual dos que imigram de um país para outro. Os imigrantes do último quarto do século XIX viveram uma situação muito diferente, que pretendo retomar mais adiante.

Devo acrescentar como informação, e falo em primeira pessoa, que minha língua materna é o dialeto, diria com ressalvas, vêneto. Sou descendente, do lado paterno em segunda geração, de friulanos - avô e avó - oriundos de Mezzo Monte - Polcenigo, província de Pordenone; do lado materno, em terceira geração, descendo de veroneses do município de Ronco a l'Ádige, província de Verona. O dialeto materno prevaleceu, (as razões são múltiplas, mas não vem ao caso). Falei exclusivamente o dialeto até os sete anos de idade, quando entrei na escola, dirigida por Freiras Franciscanas, e fui obrigado a ouvir, falar e estudar português. Aqui gostaria de fazer uma menção ao seguinte depoimento de Edgar Morin em seu livro *Meus Demônios: Moi, je suis devenu enfant de la patrie à l'école, où j'ai absorbé et intégré l'histoire de la France.* (Eu tornei-me filho da pátria na escola, onde absorvi e integrei a história da França). E Edgar Morin continua fazendo menção à sua vivência diante dos feitos heróicos da história da França, como se fosse sua própria história.

Voltando ao meu relato quase biográfico, lamento que as lembranças dos primeiros dias de aula são muito vagas. No primeiro mês fui premiado por bom comportamento, especialmente, por não conversar, acredito que se deveu ao fato de não conhecer ninguém e de não saber falar português, barreiras que me isolaram no silêncio. No recreio a língua comum era o dialeto. Lembro que, já no terceiro livro (terceira série), a professora leiga e brasileira, reclamava das nossas conversas em dialeto, porque não entendia. Pena, que naquela época não se valorizava como sendo bilíngüe.

Agora, ainda que paradoxalmente ao que falei no início, vou fazer uma digressão para falar de algumas teses ou crenças que defendo em relação às línguas e aos dialetos, não para dar suporte teórico ao meu relato, mas para reforçar a idéia de que os imigrantes italianos e seus descendentes, no Rio Grande do Sul, criaram uma nova língua. A última ou a mais recente língua neolatina, como lembra Darci Luzzato.

2. Quatro Teses

Pretendia classificar essas teses como lingüísticas, mas me pareceu exagero, pois, de fato, elas se referem apenas a questões da linguagem. Através delas quero apresentar o meu entendimento sobre a formação de uma língua e, em particular, o surgimento de formas dialetais. Portanto, não há o objetivo de teorizar sobre a origem das línguas, e sim a preocupação de informar para melhor compreender o que será exposto.

2.1 Formação de uma língua

Uma língua nasce com seu povo. Ela se constitui na teia simbólica de uma cultura. Neste sentido vou lembrar Vilem Flusser ao relacionar a ordem do mundo, como condição primeira para ordenar a existência humana, à criação da língua. Assim, para ele, a estrutura do cosmos se identifica com a língua. Portanto, acredito ser correto afirmar que uma cultura encontra na língua sua própria arquitetura. A unidade de uma cultura somente se dá em torno da língua. A coesão de uma sociedade encontra no falar comum participado sua principal força de sustentação e de identidade. Não vou me delongar em buscar argumentos e fatos em torno da questão. Lembro, apenas, o exemplo da mitologia bíblica referente à Torre de Babel. Esse fato, embora de maneira invertida, mostra que no momento que se estabelece a confusão na língua, decompõe-se a ordem sócio-cultural.

Um exemplo vivo, entretanto, deu-se com os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Aqui se formou uma nova língua italiana - ou neolatina - exatamente para superar as diferenças de falares originárias das especificidades societárias de cada grupo, provenientes da ordem social, existentes anteriormente à unificação e formação do Estado Italiano, fundados em torno de cada cidade ou vilarejo. Esta nova língua seria apenas uma forma dialetal, definida pelos lingüistas como uma Koiné, ou seria uma verdadeira língua neolatina, identificada como Talian, segundo a definem seus defensores. Ela poderia ter sido a língua oficial de um novo País, caso as circunstâncias tivessem sido favoráveis.

Este ponto é um enfoque central deste relato, que será retomado mais adiante.

2.2 A invenção dos dialetos

Os dialetos, segundo teorias lingüísticas, nascem como línguas de um determinado grupo, eu prefiro dizer, de uma comunidade falante, em geral, como distanciamento de uma língua vernácula ou, de acordo com a definição dos dicionários, como *variedade regional de uma língua*. O falar dialetal passa a ser interpretado como uma corruptela da língua culta, e relacionado às camadas sociais menos esclarecidas.

No caso dos chamados dialetos italianos, segundo a compreensão que formei no meu ambiente cultural, todos seriam línguas neolatinas, provavelmente, na pior das hipóteses, dialetos latinos. Em ambos os casos pode-se observar que os falares, desenvolvidos nas regiões central e norte, estão mais próximos do latim; já no extremos norte há fortes influências das línguas germânicas e eslavas. No sul, os falares árabes estão muito presentes e de maneira diferenciada na variedade dos dialetos locais. Diante da imensa variedade dialetal que se constata na Italiana unificada lingüisticamente, observa-se que os falantes de um dialeto, em hipótese alguma, conseguiam entender e comunicar-se com todos os falares dialetais. Neste sentido é importante lembrar que os dialetos italianos antecedem à língua italiana atual. Este é o outro ponto importante deste meu relato.

Os dialetos, ditos italianos, são resultado da elevação de um dos falares regionais – um dos dialetos, o toscano – como língua oficial. As razões desta escolha podem ser múltiplas, de ordem social, cultural, literária, jurídica, política ou religiosa, mas, no fundo, o que vale mesmo é um decreto do poder central. A língua passa a ser a articulação do poder do Estado. Os demais falares passam à categoria de línguas inferiores e marginais sob o ponto de vista cultural, literário e social, tornam-se dialetos. No meu entender os falares regionais, existentes na Italiana na época da unificação, se forem identificados como dialetos somente o seriam em relação ao latim, nunca ao italiano (toscano).

A partir da distinção entre língua oficial e línguas dialetais, quero formular outras duas teses, estas sim, baseadas em meus estudos acadêmicos.

2.3 As línguas das máquinas e das ciências

Por língua das máquinas entendo aqueles discursos estruturados exclusivamente com objetivos funcionais. As linguagens do computador e da informática são o exemplo mais perfeito no momento. Por língua das ciências entendo os discursos que foram estruturados para anunciar conteúdos cognitivos. Elas antecedem as línguas das máquinas. Sua origem pode ser fixada no século IV a.C., quando da invenção do saber conceitual. A linguagem conceitual se constrói sobre verdades ou conteúdos epistemológicos abstratos. Todo conceito é uma representação mental, geral e abstrata de uma realidade dada. A filosofia foi a responsável pela sua consolidação, aliás, sem linguagem conceitual não existiria o raciocínio filosófico e, muito menos, a lógica formal. O discurso lógico-racional da filosofia, enquanto epistemologia oficial, perdeu seu monopólio do raciocínio epistemológico, quando Galileu transformou a matemática como a língua da ciência moderna. E já que estamos no ambiente dos dialetos italianos, é bom lembrar que, embora todos digam que Galileu é de nacionalidade italiano, na verdade, o que ele jamais foi, a não ser postumamente, pelo simples fato de que o Estado Italiano não existia ainda. Este só começa em 1860. Galileu Galilei é um florentino.

A partir deste momento a grande língua maquinal é formada pelo discurso científico construído sobre a matemática. Da lógica aristotélica sobram, apenas, aquelas estruturas formais que, na verdade, são estruturas matematizáveis. A matemática foi adquirindo o status de língua universal para o intercâmbio científico. Além disso, aos poucos consegue ocupar o lugar central da formação escolar, uma exigência das ciências empíricas, relegando a um segundo plano a formação humanista que dava destaque às línguas e à literatura.

2.4 As línguas faladas e falantes

Si as línguas das máquinas e das ciências são as línguas da administração, dos decretos, das leis, do judiciário, da economia, das fórmulas e do conhecimento; os dialetos são as línguas das pessoas vivas e falantes, neste sentido constroem um mundo languageiro oposto ao das máquinas e das ciências. As línguas faladas são aquelas que

expressam a vida; anunciam convicções, crenças e idéias; manifestam os sentimentos e as emoções do sujeito falante. Se a língua oficial das ciências e das máquinas se articulam com conceitos, sentenças, construtos formais, estruturas lógicas e questões epistemológicas, as línguas faladas e, especialmente, os falares dialetais acompanham o movimento da vida de cada um e de todos no interior da vida doméstica, por isso, além de faladas se tornam falantes. As línguas faladas se tornam falantes porque se renovam constantemente. Elas não têm um sentido fixo, dicionarizado. Seus significados dependem do sujeito falante e de todas as circunstâncias que o acompanham. Todos sabem que as línguas dialetais são, na prática, intraduzíveis. Um exemplo desta intraduzibilidade da literatura dialetal, entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, é o Nanetto Pipetta de Achilles Bernardi.

Voltando à questão da língua falante, é aquela na qual se pensa e se vive. Adotei, quase como uma verdade absoluta, a tese de Maurice Merleau-Ponty de que todos nós pensamos e vivemos numa língua, as outras línguas que, por ventura, praticamos são sempre traduções mentais e simultâneas da primeira. Quem teve como língua materna um falar dialetal, deve lembrar muitos exemplos deste fenômeno.

A comprovação desta minha convicção está comigo, na minha experiência existencial acontecida em três momentos. O primeiro foi quando entrei na escola. Demorei muito tempo para me livrar da tradução do dialeto para o português. O segundo aconteceu quando fui estudar na França, percebi, então, que falava francês, mas pensava em português. Depois de algum tempo, lendo, falando e ouvindo francês, cheguei também a pensar. O fato ficou bastante claro ao voltar. Entretanto, a recuperação do pensar portuguesmente foi rápido.

Os dialetos são por essência línguas falantes, porque fazem parte indissolúvel da vida das pessoas. As palavras no dialeto, mais que mediações simbólicas, são a continuidade de um corpo falante. Não precisam de escrita, nem de gramáticas, nem de léxicos. Sua estrutura lingüística é aquela da vida cotidiana. O falar dialetal, acredito, pode ser comparado à linguagem musical. O som e a melodia de uma sonata, por exemplo, são inseparáveis. O mesmo poderia ser dito da linguagem gestual. Ninguém pensa em isolar o significado de um gesto, do movimento que o manifesta. Neste sentido, o seguinte fato, no meu entender, expressa definitivamente essa indissolubilidade. Conta-se que uma senhora perguntou a Beethoven, depois de haver executado uma de suas composições ao piano: "Que queria o senhor dizer com esta peça?" "O que eu queria dizer?", retruca Beethoven, "é muito simples". De imediato sentou-se ao piano e executou-a novamente. A peça musical não significa nada além dela mesma. Ela não se encontra no lugar do apenas simbólico. Ela é a coisa. Assim é, segundo meu modo de pensar e espero estar respaldado em Merleau-Ponty, a melhor maneira para definir a força expressiva dos falares dialetais.

Está na hora de retomar o discurso sobre os falares dialetais como expressão da vida pessoal e familiar, como disse, enquanto relato de uma experiência pessoal, da qual sou o personagem central, que se deu no universo da imigração italiana no Rio Grande do Sul, a partir de 1875.

3. Outra Itália e outros Italianos

Enquanto os emigrantes dirigiam pela última vez seu derradeiro olhar para o ambiente milenar que deixavam para sempre, e iam lavando com suas lágrimas as estradas rumo ao porto de Gênova, em parte guiados pelos sonhos de uma vida melhor, em parte desiludidos pelas promessas da reforma agrária, prometida e jamais executada pelos artífices da unificação italiana; em parte revoltados contra a exploração dos "Signori", donos das terras; e colocavam-se a caminho de uma nova terra para construir, talvez, a sua Itália, a Itália de seus sonhos, a Itália, aquela do

continente europeu, conhecida pela maioria dos descendentes, apenas através do mapa, foi lentamente a caminho de sua unificação.

Esse processo unificador, que os italianos da Itália conhecem muito por ser um momento decisivo de sua história política, seria muita pretensão, aqui, querer tratar deste assunto, embora muito importante para compreender o fenômeno da emigração, um verdadeiro êxodo populacional, segundo Deliso Villa, "L'emigrazione italiana: il più grande esodo di un popolo nella storia moderna".

Por isso, não posso deixar de dizer que meus avós e bisavós, e os de todos os seus descendentes, em parte, colaboraram para a construção da unidade italiana, o território que eles tiveram de abandonar, mais como aventura do que como planejamento, emigrando para o Brasil. Uma massa de camponeses deserdados, expropriados, analfabetos, muitos doentes (da pelagra) e subnutridos preocupava os arquitetos da Itália Unida. Eis que, de repente como por encanto, desaparecia um grave problema político e social para os governantes. Era o milagre das emigrações, graças ao desejo do Imperador brasileiro de povoar terras devolutas no Rio Grande do Sul, como forma de defesa, mas, especialmente, graças à ousadia dos agentes de emigração que, não conseguindo aliciar os tirolezes, desceram os Alpes em busca das populações sofridas do norte da Itália. A situação de miséria aguçou a capacidade auditiva e enfraqueceu a desconfiança das promessas falaciosas. Para essas famílias deserdadas era melhor acreditar mesmo que fosse uma aventura, do que ficar aí tento diante dos olhos um futuro de mais miséria. Para o poder público era preferível sacrificar e entregar a um destino incerto milhares de compatriotas do que comprometer a arquitetura feudal e os interesses de uma minoria de um novo Estado, costurado com os retalhos de várias repúblicas, reinos e principados existentes na Península Itálica.

Ao mesmo tempo que, naquele território politicamente dividido, os políticos construíram um novo Estado para si mesmos e para os privilegiados, a multidão de indesejados, excluída deste projeto, e sobrevivente de uma travessia marítima quase suicida, foi, com sua coragem e vontade de sobreviver, construir um país no meio da floresta e entre montanhas e vales, onde todos, sem exceção pudessem viver dignamente.

Quanto ao primeiro ponto, o da unidade de um Estado Italiano, quero lembrar as palavras de Cavour em seu primeiro discurso no Parlamento, e transcrito no livro **La Punta della Storia** de Carlo Castagna: *Si é fatta l'Italia. Ora bisogna fare gli italiani*. Sobre a proclamação de Cavour, Castagna faz o seguinte comentário: *Era vero, ma si partiva con il piede sbagliato di certo*. O autor continua seu comentário dizendo que os problemas que nasciam na Itália, levaram milhares de pessoas deixar as próprias casas para enfrentar a aventura da emigração em terras e continentes distantes, sobretudo a América do Sul.

Quanto ao segundo ponto, exatamente este da aventura em terras distantes, afirmo, com muita convicção, que nem tudo era a lamentar. Talvez, a desventura que lhes era reservada na Itália, não seria menor do que as peripécias de um destino incerto. Por isso vou falar de alguns fatos acontecidos e vividos como participante desta aventura, enquanto descendente.

Apenas para lembrar, pois é conhecimento de todos, que no Rio Grande do Sul foram fundadas quatro colônias imperiais para acolher os imigrantes italianos. Três, Conde D'Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Campo dos Bugres (Caxias), o decreto imperial de sua criação foi exarado em 1875. A última Colônia, Silveira Martins, na região de Santa Maria, surgiu dois anos depois, em 1877. Nesta quatro Colônias imperiais, no extremo sul do Brasil, nasceu um outro tipo de italiano, provavelmente, não aquele sonhado por Cavour. O perfil do italiano emigrado, talvez, esteja no livro **Nós os Ítalo-Gaúchos**. Também não sei se o italiano da Itália unificada correspondia ao projeto de Cavour, quando falava da necessidade de *fare gli italiani*. Neste sentido volto a citar Castagna ao dizer que: *E Cavour, forse l'unico in grado de "fare gli italiani", moriva lo stesso anno*. A conclusão parece clara, o italiano não preexistia à unificação. Um

aspecto que quero sublinhar neste momento refere-se a aquelas dimensões que o italiano do Rio Grande do Sul preservou, e que o processo de unificação, na Itália, foi lentamente apagando. Os falares dialetais, certamente, são uma parte importante destas preservações.

No Rio Grande do Sul, particularmente, construímos a nossa Itália, traçamos o perfil do nosso italiano - diria com franqueza e orgulho, o *ítalo-gaúcho* - e formamos a nossa língua, o *Talian*. Aqui fundamos, mesmo sem Rômulo e Remo e sua loba, nossas *Nova Roma, Novo Treviso, Novo Trento, Nova Bréscia, Nova Vicenza, Nova Milano, Nova Pádua, Nova Veneza, Val Veronês, Val de Buia, Val Feltrina, Vale Vêneto, Nova Udine, etc..* Aqui entoamos nossas canções, as antigas e as novas. Tudo isto, junto com o campanário, os sinos, a igreja, a capela ou o capital, mais os santos padroeiros ou *la Madona* foram suficientes para este tipo de italianidade. Parece fora de dúvida que, mais do que italianos de um reino ou de uma república unificada, os emigrantes eram católicos papais (*del Papa*). Sob o nome de seus lugares de origem, sob o patrocínio do santo da terra natal, embalados pelas liturgias dominicais, abraçados aos laços da família, confiantes na força de seus braços, emocionados pela melodia de cantigas nostálgicas e, acima de tudo, agarrados aos seus sonhos de prosperidade, os imigrantes e seus descendentes criaram uma outra cidadania italiana, a dos imigrantes vênnetos do Rio Grande do Sul.

4. A Língua dessa outra cidadania italiana

Os artífices da unificação italiana tinham um projeto político que os guiava, constituído como critério último de julgamento de tudo o que se deliberava, um governo central e uma só nacionalidade. O estabelecimento de uma única língua oficial fez parte deste projeto original. Não posso ater-me a este aspecto fundamental da constituição da unidade lingüística como garantia da unidade de poder político, mas não posso furtar-me de lembrar esta passagem de Carlo Castagna: *Per non dimenticare la lingua: di fato, l'italiano non lo parlava nessuno. Lo stesso Cavour col re parlava in francese o in dialeto piemontese.* (La Punta della Storia p. 94). Bastou um decreto para garantir a unidade lingüística. A sua aceitação era uma questão de tempo. A escola se encarregaria de fazê-lo, especialmente sabendo que o analfabetismo era extremamente elevado. Mas o que pretendo acentuar é que diante da proclamação de uma língua oficial para a Itália unida, as outras línguas passaram automaticamente à categoria de dialetos. Acredito não exagerar que, neste gesto explícito, uma língua tornou-se dialeto, não por uma questão lingüística, mas por uma decisão política.

A unificação lingüística - caso seja correto usar essa expressão - entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul, seguiu um caminho muito diferente daquele da pátria mãe. No meu entender, esse é o verdadeiro caminho para formar uma língua humana, no sentido de um falar expressivo da vida do homem.

A formação desta língua, certamente e no dizer do Frei Rovílio Costa, começou no Porto de Gênova. Durante os transtornos da espera, por vezes, longa até o embarque, aconteceu, provavelmente, o primeiro contacto de pessoas com costumes e falares diferenciados, ainda que bastante próximos, dado seu parentesco lingüístico. Cada um, ou cada grupo, falava com as variações de sua própria língua de origem, - agora rebaixada à condição de dialeto frente ao toscano, a nova língua oficial - um projeto de vida e de aventura os reunira para um destino comum. Alguns, certamente, devem ter observado pela primeira vez a diferença dos falares dialetais, já que era comum naquele tempo pessoas passarem a vida toda sem sair do território do vilarejo. Seja como for, dava-se o primeiro passo, sem projeto e sem previsão, a não ser a preocupação com a sobrevivência, no caminho da formação de uma língua comum,

uma koiné, para garantir o mínimo de condições para o entendimento coletivo. Acredito que não foi uma tarefa fácil, pois na minha memória, que lembra fatos sessenta anos depois, percebo claramente certas animosidades, até desprezo, para algum modo de falar.

A viagem, durante quarenta longos dias no interior do navio, deve ter sido uma escola lingüística tanto fantástica, quanto sofrida. Não foi a força da lei, mas uma exigência do viver coletivo que começou traçar os rumos de uma possível nova língua. Um destino comum de sobrevivência e, com mais ousadia, de prosperidade econômica, foi o maior reforço para a gestação de um falar comum.

Uma vez em terra firme, os imigrantes, já de posse de seu território colonial, ainda que abandonados a sua sorte, esse processo continuou, em certos casos lentamente, em outros, mais rapidamente, dependendo da diversidade de origem das famílias que iam formando as comunidades. Podia-se perceber, ainda que um tanto camuflado, um sentimento de reserva entre os diferentes grupos, por exemplo, entre trentinos, trevisanos, mantuanos, bergamascos, friulanos, beluneses, veroneses, paduanos, cremoneses, etc..

Vou insistir mais uma vez sobre o processo de formação de uma língua falada, em oposição à formação das línguas oficiais; a primeira acontece juntamente com a formação e o desenvolvimento de uma comunidade de vida, a segunda surge de maneira artificial, como instrumento de trabalho. A língua falada tem como fonte de inspiração o enfrentamento dos desafios da vida cotidiana, tendo como centro o fator de intercâmbio de vivências e sentimentos.

5. Uma experiência pessoal

Vou interromper um pouco essa linha de raciocínio, voltarei mais adiante, e peço licença para descrever alguns aspectos de minha experiência pessoal enquanto falante de um dialeto até os sete anos de idade. Com o ingresso na escola começa o aprendizado da língua portuguesa. Anteriormente não tenho lembrança de ter enfrentado qualquer problema com falantes do português. Neste sentido, me parece interessante repetir Edgar Morin. Em seu livro, **Meus Demônios**, escreve: *Moi, je suis devenu enfant de la patrie à l'école, où j'ai absorbé et intégré l'histoire de France". (Eu me tornei filho da pátria na escola, onde absorvi e integrei a história da França)*. E ele continua referindo-se aos fatos importantes e aos grandes heróis da história francesa que passou não só a conhecê-los, mas também a incorporá-los como sua própria história biográfica.

O meu aprendizado de português não impediu que na vida familiar, inclusive, no recreio das aulas, a língua praticada continuava sendo o dialeto. Lembro que, já estando no terceiro livro (série), a professora, uma leiga, de origem lusa queixava-se de que falávamos italiano que ela não entendia. Entretanto, aos poucos, o português começa a avançar no território das fala dialetal, seja como exigência da política governamental, seja como uma necessidade de ingresso no mercado de trabalho.

Reassumindo a tese de que o dialeto é eminentemente uma expressão da vida pessoal, confesso que no universo de minha infância, não havia necessidade de outra língua. Porque as questões a serem resolvidas eram de ordem pessoal e familiar. Essas o dialeto resolvia com total eficiência. O falar e o viver confundiam-se, é difícil diferenciá-los. A escola era o único espaço onde se exigia o português.

Na minha casa paterna prevaleceu o dialeto vênето, entretanto, quando criança nunca ouvira as palavras vênето ou dialeto, mas sim, **talian**. Havia certa distinção entre talian e furlan. Minha avó paterna, durante a ditadura de Getúlio, foi repreendida por policiais por falar talian, ela, prontamente, passou a falar furlan. Os policiais, provavelmente, mais confusos ainda, deixaram a “nona” em paz. Em geral, nas comunidades ouvia-se falar diferentes dialetos, mas havia uma fala comum, com características de koiné. Por exemplo, meu pai, como era friulano, sempre que se

encontrava com seus parentes friulanos, a conversa era em friulano, mas em casa conosco falava o vêneto, o dialeto de minha mãe. Hoje, quando os diversos falares dialetais receberam o status de língua regional, posso dizer que meu pai era trilingüe. Falava, vêneto, friulano e português.

O friulano, entre os imigrantes italianos, tende a desaparecer, exatamente porque ele está mais próximo das línguas eslavas, do que do latim. Não se pode esquecer que encontramos um grande contingente de friulanos na ex-Quarta Colônia, certamente, em termos de percentual supera largamente as demais Colônias. Resta saber se poderá ser mantido através do pequeno número que ainda o falam. Parece que já desapareceu como língua de comunicação familiar. Este é um desafio para as associações ou círculos friulanos.

Um aspecto que me chamou atenção, neste meu olhar para o passado, sempre que o casamento se dava entre um friulano e um não friulano, a fala friulana deixava lugar para a não friulana. E mesmo em casos em que o casal era friulano, os filhos falavam vêneto fora e dentro de casa. Quando muito o casal entre si mantinha a conversação friulana. Eu nunca falei friulano, salvo algumas palavras, mas o entendia perfeitamente. Entretanto há um fato muito interessante, do qual me dei conta mais recentemente. Na minha família tínhamos o costume de nomear os tios e tias paternos por barba e agna, designação friulana. Assim, barba Bepi, Barba Toni, Barba Prudente ou agna Maria, agna Giustina, agna Mira. Já do lado materno usávamos o termo zio e zia. Assim, zio Vitório, zio Felice, zio Gioani ou zia Gema, zia Oliva, zia Maria etc. Depois de um certo tempo, não sei precisar quando, mas certamente no começo da juventude, as designações friulanas de parentesco foram substituídas pelas designações vênetas. As razões desta mudança não saberia definir. Dois fatos, acredito, podem estar na raiz desta mudança. O primeiro é o da predominância generalizada do vêneto. O segundo, talvez, o motivo mais decisivo, era uma certa reserva frente aos friulanos. Lembro-me do tempo que passei, durante minha primeira infância, na casa da avó materna, os tios davam um sentido um tanto irônico ao chamar-me de *furlaneto*, ou ao lembrar certas expressões friulanas em tom de gozação, em particular, essas de *barba* e de *agna*.

Diante da diversidade dos falares dialetais, ainda quando muito criança, eu percebera diferenças entre palavras. Por exemplo, eu dizia, ovi (ovos), mas havia os que falavam uvi. Eu dizia el gal, (o galo), el ze bel (é bonito), la galina (a galinha); outros diziam el gao, beo e gaina. Ou, uva e ua (uva), uveti e uviti (ovinhos). Ou então, magnon e magnemo; gavon e gavemo, ndon e ndemo, etc. Apesar destas diferenças, em nenhum momento, fui levado a considerar que o falar diferente do meu estivesse errado, julgava, isto sim, que o meu modo de falar era o melhor, além de ser o mais comum na minha região.

Com o ingresso na escola, o dialeto foi perdendo espaço, inclusive em casa diante da decisão de minha mãe de que se deveria falar português, pelo menos o filho que acabava de nascer, o último, deveria aprender o português e não o dialeto. Esse procedimento foi adotado pela maioria das famílias. Assim mesmo, quando havia presença de adultos, o dialeto se mantinha como o falar habitual. Somente com os festejos centenários, o vêneto recebeu um poderoso alento, fazendo com que muitos voltassem a praticá-lo e a ensiná-lo aos filhos. Foi a partir desta atmosfera que eu, ao visitar meus pais, voltei a falar com eles em dialeto. Percebi, especialmente, por parte do pai, um prazer maior em dialogar, pois o dialeto levava aos assuntos domésticos, às atividades e fatos cotidianos. De alguma maneira voltava-se ao ambiente da intimidade familiar.

Estes fatos, talvez, não sejam suficientes para chegar a uma explicação científica sobre as dimensões pessoais e familiares dos falares dialetais, mas podem abrir um caminho para descobrir que a língua materna será a mais expressiva sempre que se referir ao mundo afetivo e doméstico. Penso também, ter oferecido algumas informações capazes de descrever a atmosfera em que os diferentes falares dialetais, vênetos ou não, contribuíram para constituir uma forma lingüística comum.

Depois desta digressão doméstica e pessoal, volto a retomar o caminho mais geral que conduz a uma nova língua ítaliograndense, que é denominada por muitos, de **talian**.

6. Os passos decisivos rumo a uma nova língua

Os imigrantes foram se instalando seguindo um ritmo de maior ou menor sucesso, as condições encontradas já foram largamente descritas, em geral com um tom denunciante e lamurioso, e, aos poucos, iam se distanciando afetivamente de sua terra natal e construindo por transplante um novo território sócio-cultural. A Itália poderia ser aqui. A italianidade não precisaria de um território específico e exclusivo, assim como era a cristandade. O regime de trabalho, as culturas agrícolas, as lavouras de milho trigo e feijão, a horta caseira, a farmácia da mama, os parreirais, a criação de suínos, vacas e galinhas, a arquitetura, a culinária, o vinho, as diversões, a cantorias, as festas, os valores morais, a religiosidade constituíram a mais esplêndida herança desses despatriados, que haveriam de fazê-la germinar num território ao mesmo tempo hostil e acolhedor. A sua organização, na verdade, reproduziu o mais fielmente possível o ambiente deixado na Itália e aqui, ainda hoje, vigora uma atmosfera verdadeiramente italiana, talvez, mais pura e fiel com as origens do que aquela do outro lado do mar.

Acredito ser importante observar que esses valores eram, mais ou menos, os mesmos entre todos. A maior diferença, penso eu, consistiria na multiplicidade de falares dialetais. Entre todos os dialetos, certamente, o vênето com suas pequenas diferenças, predominava. Foi, precisamente, em torno dele que a nova língua foi estruturando. E para isso vários fatores contribuíram decisivamente. É o que pretendo fazer em seguinte, mas antes preciso antecipar que na ex-Quarta Colônia aparecem situações muito diversas.

6.1 Os capuchinhos franceses italianizados

Em primeiro lugar é necessário reafirmar que o papel do padre e da religião foi de extrema importância em todo o processo de desenvolvimento das quatro Colônias. O livro, **A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul** de Olívio Manfroí, retrata com muita fidelidade a confiança que os imigrantes depositavam no Padre e na Igreja. Para isso basta lembrar esta passagem do relatório do Dr. Veronesi: *Ele, o sacerdote, é o conselheiro dos colonos em todas as coisas mesmo nos problemas econômicos; quando alguém fica doente, antes de chamar um médico, ouve primeiro o sacerdote.* (In Manfroí p. 63). Mas como toda grande paixão, este relacionamento, também, passou, em seu conjunto, por momentos de amor e ódio.

A presença dos Frades Capuchinhos, certamente, representou um papel de valor incalculável para a integração dos imigrantes italianos das três colônias na serra do nordeste do Estado. A leitura do livro, **Os Capuchinhos no Rio Grande do Sul** De Rovílio Costa e Luís Alberto De Boni, torna-se indispensável para entender a simbiose cultural entre frades e colonos. O interessante da história deste "casamento" feliz é que os capuchinhos não eram italianos, mas franceses da província de Savóia (Sabóia). Três coisas quero observar a respeito desses frades. Primeiramente eles vieram ao Brasil, mais ou menos, nas mesmas condições dos imigrantes italianos. A província capuchinha de Savóia possuía uma casa de formação no Líbano como forma de fugir da proibição imposta às ordens religiosas de formar novos adeptos, e, num segundo momento, para fugir do serviço militar, cuja obrigação iria até os trinta anos. Esta casa sofria de dois males: o primeiro, do alto custo para sustentá-la; o segundo: das doenças que dizimava os candidatos à vida religiosa. A oferta de uma missão junto aos imigrantes, apesar das dificuldades burocráticas, foi uma feliz coincidência. Em segundo lugar, os capuchinhos italianos, já eram muito familiares para a maioria dos imigrantes. Em menor escala a

figura simpática do capuchinho, personagem do romance de Manzoni, **I Promessi Sposi**. Em terceiro lugar, a Savóia não era uma região desconhecida da colcha de retalhos formada pelos diversos reinos e repúblicas do norte da Itália. Para ser breve recorro às palavras de Carlo Castagna: *Em janeiro de 1860 Cavour faz com que Napoleão reconheça a anexação da Toscana e da Emilia por meio de um plebiscito. O rei francês leva para casa de brinde Nice e a Savóia. (p.88)*. Tudo levava a crer o que aconteceu, salvo alguns incidentes localizados, não propriamente por causa dos colonos, mas com pessoas ligadas às idéias republicanas, à maçonaria e aos carbonários.

Os primeiros capuchinhos chegaram a Garibaldi, em 18 de janeiro de 1896, onde ninguém os aguardava. Em poucos anos os novos imigrantes colheriam, como atesta o Frei Bruno de Gillonnay, “profundas, duradouras e apostólicas consolações”. Eles não eram italianos, mas também, não se consideravam franceses, porque sua identidade maior era de serem missionários. Isto fez com que falassem o italiano, pregassem em italiano e, em suas casas, a língua falada fosse a italiana, e não a francesa. (Cf. Os Cap. do Rio Grande do Sul p.19). Quanto aos falares dialetais, sabe-se que se não os falavam, pelo menos os entendiam perfeitamente.

Outra consequência desta integração, baseada na convicção missionária, foi providenciar a imediata criação de uma casa religiosa, condição primeira para receber candidatos à vida religiosa e sacerdotal. O primeiro seminário foi instalado canonicamente em 18 de junho de 1898, exatamente dois anos e cinco meses depois da chegada. Já no dia 13 do mesmo mês ingressaram nove meninos vindos dos arredores, dos quais três chegaram ao sacerdócio. A predominância do elemento itálico proporcionou uma total integração de frades, seminaristas e colonos, porque a língua era comum, o dialeto. Os seminaristas, depois futuros frades, não falavam fluentemente nem o italiano, - aprendido precariamente em escolinhas rurais - e muito menos o português, mas tinham como língua materna um dialeto. É verdade que, com o passar do tempo, por exigência do trabalho missionário junto a outras etnias, especialmente a lusa, posteriormente com a proibição do governo brasileiro, o português foi oficializado e os falares dialetais de imigrantes italianos e alemães foram proibidos. Nos seminários especificamente, o dialeto passou a ser tratado como um empecilho para se aprender e, particularmente, falar corretamente o português. Razão pela qual recebeu restrições, por vezes, proibições e, até, castigos. Uma palavra dialetal podia acarretar a privação da merenda, pena que poderia ser aplicada pelo colega. Assim mesmo, foi possível garantir a sobrevivência do mesmo. Prova disto é o aprendizado do mesmo por alguns seminaristas de outras etnias que não o falavam.

Aqui poderia fazer uma digressão enfocando a atuação dos Padres da Sociedade do Apostolado Católico, os Palotinos, junto aos imigrantes da ex-Quarta Colônia. Esse será um objeto de estudo mais detalhado a ser desenvolvido futuramente e em outra oportunidade. Entretanto indispensável para se entender a situação dos falares dialetais entre os descendentes dos imigrantes italianos da Colônia, Silveira Martins.

6.2 A imprensa - O Correio Riograndense

No final do século passado, várias autoridades católicas defendiam a necessidade urgente de se investir numa imprensa católica com dois objetivos: fazer frente à imprensa anti-clerical, e manter viva a doutrina católica. Os sermões deviam ser completados pela palavra escrita que permanecia presente mais tempo nas famílias. Prova disto é o Congresso do clero que trabalhava nas Colônias italianas efetivado em 1912 com a presença de trinta sacerdotes, cujo tema central, a ação católica, tinha como uma das prioridades o tema da imprensa. Alguns sacerdotes prontificaram-se a fundar um jornal genuinamente **católico e italiano., redigidos com critérios modernos e batalhadores**. E a ocasião surgiu com o fechamento do jornal **Bento Gonçalves**, de Júlio

Lorenzoni. Em seu lugar surge, numa apresentação bonita, nítida e altiva, o **Corriere d'Italia**, com programa **italiano** e **católico**. Redator chefe Pe. Estêvão Minetti.

A necessidade de fundar jornais já vinha sendo reclamada pelo clero, desde o início da fundação das Colônias, como forma de atingir todos os imigrantes, especialmente aqueles que viviam longe de igrejas paroquiais. O primeiro jornal católico foi fundado em 13 de fevereiro de 1909 pelo Padre Carmine Fasulo em Caxias do Sul, com o nome de **La Libertá**. Sua duração foi apenas de alguns meses. O maior responsável pelo seu fim foi o próprio fundador devido a falta de tato em tratar, especialmente, os desafetos da Igreja. O Pe. João Fronchetti, pároco de Conde D'Eu, auxiliado pelos amigos Dr. Adolfo Moreau e João Carlotto, comprou o jornal e a maquinaria e transportou tudo para Garibaldi. Essa mudança de donos e de lugar custou o seu nome, que foi alterado para **Il Colono Italiano**. Entretanto, logo no início, surgiram problemas graves devido sua orientação pró Austria, tanto que era denominado pelos adversários como *Il Colono Austriaco*. Em 1917 as intrigas se agravaram, especialmente ao assumir a redação o Dr. Moreau, no meio da confusão, o jornal continuou a circular sob a direção dos Capuchinhos que, ao assumi-lo em 5.7.1917, trocam o nome para **La Staffetta Riograndense**. Não se pode esquecer que era redigido predominante em italiano, mas sempre tinha alguns textos em português e, inclusive, com menor freqüência, em vêneto, lombardo, trentino ou friulano. Foi no ano de 1917 que os capuchinhos compraram a tipografia e assumiram o controle da redação, entretanto, foi só a 12 de janeiro de 1921 que passaram a ser os únicos proprietários. Portanto, durante alguns anos circularam dois jornais, o **La Staffetta Riograndense** e o **Corriere d'Italia**, ambos sob o controle do clero e que, de alguma maneira, especialmente o Corriere, tinham muito presente a preservação da italianidade. Mas o Corriere não resistiu, dadas as dificuldades econômicas. Já em 1920 tentou-se, sem sucesso, a fusão com o Staffetta Riograndense. Só em 1927 o Corriere foi definitivamente vendido aos capuchinhos que se fundiu com o Staffetta e, para incorpora-lo definitivamente, circulou com os dois nomes de 6-7 a 31-8-1927. A partir desta data continua circulando até hoje, mas em 10.9.1941, com a obrigação de publicá-lo em português passou mundo o nome mais uma vez, passou a chamar-se Correio Riograndense. Em 1952 o jornal deixa de ser impresso em Garibaldi e transferido para Caxias do Sul.

O jornal Correio Riograndense, que mudou várias vezes de nome e de donos, foi fundado como porta voz de toda Imigração Italiana, Tanto que somente deixou de ser impresso em italiano por imposição das leis de imprensa brasileiras. A sua importância, no meu entender, tornou-se decisiva a partir do momento em que foi assumida pela Ordem Religiosa dos Capuchinhos, seja para a difusão e manutenção da religiosidade, seja para preservação dos falares italiano e dialetal, seja para manutenção unidade cultural dos imigrantes.

Desta importância, que eu lhe atribuo, destaco aqui o fator da fala dialetal. Ainda quando era editado em italiano, surgiu em 1924 uma crônica semanal, escrita por Frei Paulino (Achile Bernardi), cujo personagem central era a figura de Nanetto Pipetta. O significado maior desta crônica, com toda certeza, deve-se ao fato de ser redigida em dialeto vêneto. Os idealizadores da crônica buscavam no dialeto a ampliação de assinantes, embora tivessem outros objetivos, o da catequização e da formação moral. E parece que deu resultados positivos. Infelizmente, por ordem do superior geral da Ordem Capuchinha, o autor foi obrigado a interromper a série. O que ele o fez de uma maneira pouco feliz para o personagem. Nanetto acabou afogando-se no Rio das Antas, e sua namorada, a Gelina, entrou num convento de freiras para rezar pela alma de seu amor. O fim de Nanetto, tudo indica, poderia ser outro. Certamente não este. Meu avô foi assinante, meu pai seguiu o exemplo, e eu continuo a tradição. Apesar da crônica ter sido interrompida em 1926, Nanetto continuou presente, porque em 1937 foi publicada em livro a primeira edição destas crônicas. Era difícil encontrar famílias alfabetizadas que

não tivessem um exemplar. Em casa, meu pai, às noites longas de inverno, depois da reza do terço, lia uma dessas crônicas.

O Correio Riograndense, para quem o conhece, continua fiel a sua tradição de preservar os valores religiosos da unidade familiar, mas também se atualizou abordando temas os mais variados, especialmente de economia, de agricultura, de alimentação e saúde. Embora tenha como alvo central as comunidades rurais, sem dúvida, ele agrada a qualquer leitor que aprecia o jornalismo de reflexão. Hoje ele transcende etnias, crenças religiosas e cores partidárias.

O trabalho que preciso destacar, especialmente porque diz respeito ao dialeto, é o desenvolvido pelos Freis Rovílio Costa e Arlindo Batistel, sem desmerecer as contribuições de dezenas de colaboradores, mas sem eles não atingiria tanto sucesso e repercussão. A iniciativa encontrou inspiração e espaço por ocasião do centenário da Imigração Italiana. O carro chefe, inicialmente, desta revalorização do dialeto vênето, certamente, foi a coluna semanal, intitulada **Vita, Stória e Frótole**. Quero destacar em primeiro lugar que ela não tem dono, todos podem mandar suas contribuições, aliás este seria o objetivo principal, mobilizar as pessoas suas estórias com as variações de seu falar dialetal.

Agora dirijo meu foco de observação sobre as três palavras **Vita, Stória e Frótole**. Vejo nestas três palavras a síntese de 125 anos de história dos imigrantes italianos. Elas resumem com simplicidade e eloqüência a saga de heróis sonhadores que souberam construir com trabalho, coragem, competência e alegria uma paisagem humana original, cujo centro político e econômico é, sem dúvida, Caxias do Sul. Vita, Stória e Frótole consegue duas façanhas importantes. Uma, estimula pessoas a escrever em dialeto, coisa que, provavelmente nunca teria feito, tornando-as participantes ativas do passado e da cultura de um importante movimento migratório. Outra, recupera fatos e situações que iriam desaparecer definitivamente sem estabelecer critérios de seleção, tudo é possível ser divulgado, desde situações dramáticas da vida, passando por momentos gerais ou regionais da história, até as manifestações de humor e hilariantes do cotidiano das pessoas.

Ainda ficando no contexto do jornal e nas publicações dialetais, não posso deixar de referir-me ao *Ritorno de Nanetto Pipeta*, promovido por Pedro Parenti através de uma fantástica ressurreição de uma morte não morrida por um quase afogamento. E Nanetto voltou, pelas crônicas Pedro, num contexto atual, mas mantendo as características originais, sem perder seu perfil de um herói, ao mesmo tempo, bem e mal sucedido. Com a morte prematura do ressuscitador de Nanetto, a redação do jornal, com o apoio de Frei Rovílio Costa, decidiu que a crônica deveria continuar através de múltipla colaboração. Atualmente, segundo vários comentários informais, Nanetto estaria perdendo sua identidade, na medida em que ele é introduzido em estórias já conhecidas. Ele não faz mais história, ele se torna personagem de velhas estórias, em substituição ao original. De qualquer maneira a crônica continua um forte incentivo para escrever e ler o dialeto vênето. Ultimamente a publicação semanal de lições para o ensino do dialeto vênето, já batizado de talian, está contribuindo para que descendentes que já não falavam mais, venham a aprendê-lo ou, os que o tinha quase esquecido consigam recuperá-lo e aperfeiçoá-lo.

Seguindo o roteiro da linguagem, há algum tempo, o jornal vem trazendo reportagens e comunicações sobre a Itália atual. Pode-se conhecer, com muita clareza, as questões fundamentais políticas, econômicas, educacionais e familiares que preocupam os italianos, e, também, as novidades do novo relacionamento entre os italianos de lá e os "italianos" daqui, especialmente os que conseguiram a dupla cidadania. E isto é muito positivo, pois interpreto esse duplo trabalho jornalístico - o que vem de lá e o que é feito aqui - como reaproximação da Itália européia com a "Itália" riograndense, como reencontro dos descendentes dos emigrados com os descendentes dos que lá ficaram, e, por fim, como confronto entre a língua oficial italiana e a língua taliana daqui.

Nesta altura caberia uma comparação com as iniciativas de imprensa e, particularmente, jornalísticas ocorridas na ex-Quarta Colônia. Para isso será necessário fazer maiores pesquisas, por enquanto as únicas informações recebidas dizem respeito à revista, *Regina Apostolorum*, editada pelos Padres Palotinos que, também, tiveram o objetivo de oferecer aos imigrantes uma leitura sadia e cristã. Ela continua ainda hoje, mas com o nome de *Raíinha*. Em Nova Palma circulou até à alguns anos atrás um jornal semanal, cujo mérito maior foi publicar crônicas sobre a história da imigração de autoria do Padre Luizinho Sponchiado. Não consegui informações sobre possíveis publicações em dialeto vêneto.

6.3 A criação literária

A criação literária representa para qualquer falar um passo importante no seu desenvolvimento e na sua preservação. Por isso insisto, mais uma vez, sobre alguns aspectos, que eu reputo fundamentais, de um falar dialetal. O dialeto é uma língua viva, isto é, para ser fala não por códigos de signos e regras gramaticais, mas por palavras que são o que dizem. Não é, tão pouco, uma língua que se identifica com a escrita. Entretanto, não significa que não possa ser escrita. A língua escrita, enquanto texto, elimina tudo aquilo que não é languageiro. O que está além do texto desaparece. Mas quando se escreve em dialeto, a situação muda completamente, porque ele mantém em seu texto o contexto, de forma inseparável. É por isto que a tradução do linguajar dialetal se torna intraduzível. É igual à arte e à música. Lamento estar simplificando uma questão de linguagem muito complexa. São imposições desta minha reflexão, e, sobretudo, à impossibilidade de se teorizar sobre o discurso dialetal, ele precisa ser falado, e sendo falado ele é vivido. O que eu quero dizer é que o falar dialetal não se separa daquilo que diz, de onde diz, por quem é dito, do modo como é dito.

Entretanto, embora pareça contraditório, isto não significa que a língua dialetal não possa produzir literatura, seja em prosa ou em verso. A contradição pode desaparecer quando a literatura dialetal for comparada a um quadro ou a uma melodia. O importante é que o personagem e seu discurso fundem-se numa coisa só. É o que acontece com *Nanetto Pipetta*. Como separar *Nanetto* de suas palavras. Seria a mesma coisa que separar a melodia dos sons de uma melodia, o significado e o movimento de um gesto. Chamo atenção sobre a atitude de *Pedro Parenti*, ele não só ressuscitou *Nanetto*, mas o encarnou física e languageiramente.

Outro ponto a ser observado na obra literária dialetal encontra inspiração na vida familiar. Era reproduz em palavras o cotidiano das pessoas naquilo que elas têm de mais pessoal. Por exemplo, para quem não conhece e, especialmente, não viveu o universo do imigrante italiano, encontra sérias dificuldades para captar toda a força simbólica da figura de *Nanetto* e de seu discurso. O escrito literário dialetal é tão vivo e vivente que, não só expressa o pensamento, mas, também, gera o personagem. Neste sentido vou descrever o comportamento meu e de meus irmãos quando meu pai lia para nós o *Nanetto*. Nós falávamos *Nanetto*. Nós vivíamos *Nanetto*. *Nanetto* era um interlocutor vivo, presente, fraterno que estava dentro de cada um. Falava conosco. Porque, no fundo, quem mais quem menos, todos éramos *Nanettos*. Se não éramos, rigorosamente falando, uma duplicação do mesmo personagem, mas a fala era comum, os sentimentos, o ambiente, os problemas eram comuns e comungados. Ele, certamente, era uma caricatura, mas uma caricatura é caricatura porque é capaz de traçar o perfil do personagem original. *Nanetto* era e é a caricatura de todos, diga-se de passagem, uma caricatura simpática. Por isso se tornou familiar, doméstico. Suas expressões, ainda hoje, continuam emblemáticas. De alguma maneira todo imigrante, e seu descendente, consciente ou inconscientemente, encarna *Nanetto*.

Nanetto não é um personagem do passado, ele parece estar presente e sempre mais vivo. Seu afogamento foi circunstancial. Ele saiu do jornal, virou livro, transformou-se em teatro e ressuscitou pela imaginação milagrosa de Pedro Parenti, para voltar ao jornal, de onde nunca deveria ter saído. Tudo isso foi possível porque Nanetto é um personagem eterno, como D. Quixote e tantos outros, da cultura e da vida dos imigrantes e de todos os seus descendentes. E, Nanetto, no meu entender, jamais poderá falar português ou italiano. Quando isso acontecer, ele morrerá definitivamente. Nenhum poder milagreiro poderá salvá-lo, porque é feito de carne dialetal. Enquanto Nanetto viver, o dialeto vêneto, ou o talian, viverá. Portanto, para continuar sendo o fiel representante de todos os imigrantes, ele precisará equilibrar-se com um pé no passado e outro no presente.

Não posso deixar de mencionar, ainda que rapidamente, outras obras literárias. Uma que não teve a repercussão de Nanetto é *Togno Frusafrati*, escrito por Monsenhor Ricardo Liberali. O seu sucesso não se compara à obra de Achile Bernardi, porque seu personagem representa apenas uma atmosfera particular de animosidades e confrontos entre a Igreja e a Maçonaria. Nanetto, em contrapartida, é um personagem que abrange todo o universo da Imigração. Quanto à força dialetal, penso eu, eles se equivalem. *Togno Frusafrati - braure de do compari* - retrata com bastante fidelidade os conflitos generalizados nos primeiros tempos da imigração entre o clero, os carbonários, maçonaria e anticlericais.

Nas minhas observações sempre me ative à força expressiva das palavras dialetais que uma vez traduzidas e tiradas do seu contexto perdem seu brilho. Novamente, se observa que o autor buscou transportar para as palavras o ambiente familiar, vivido por ele diante dos conflitos entre sua mãe, profundamente religiosa, e seu pai, um simpatizante dos anticlericais. Além de refletir os desencontros familiares, ele, também, inclui a atmosfera social, gerada pelos enfrentamentos entre clero e forças contrárias.

Depois de algum tempo, fui obrigado sair da esfera da linguagem para entrar na realidade fática. Durante muito tempo foi consenso corrente que *Togno Frusafrati* não passava de uma obra de ficção, claro com base numa experiência pessoal familiar, entretanto, hoje, sabe-se que não se trata de ficção. A tentativa de colocar uma bomba no Seminário dos Capuchinhos em Veranópolis, terra natal do Mons. Liberali, é um fato verídico. Existe, inclusive, uma investigação policial, da qual surgiu a instauração de processo criminal, tendo como resultado a condenação de seus autores. Fica claro que *Togno Frusafrati* e *Rassaura - braure de do compari* - não só merece consideração por ter sido escrito em dialeto, mas por retratar um fato histórico real.

Continuando na esteira das publicações dialetais, não posso esquecer uma série de crônicas, escrita por Frei Gabriel Lucion e publicada no jornal *A Voz de Marau*, editado pela paróquia local. O título era **Storie de Peder**. O autor transcreve para a língua dialetal caricaturalmente os fatos pitorescos que aconteciam na região. Foi um sucesso. Aliás, o vigário havia encomendado esse tipo de "reportagem" para divulgar o jornal e aumentar as assinaturas. As mudanças impostas pela vida religiosa interferiram na vida do jornal e, naturalmente, do nosso herói. O autor removido para outra cidade, ficou sem condições de continuar suas crônicas, já que elas refletiam a atmosfera local. O jornal e o herói, em pouco tempo, morreram abraçados. É bom não esquecer que isto se deu na década de cinquenta, o que mostra a presença viva do dialeto e do ambiente imigratório. Ainda a respeito da **Storie de Peder**, num levantamento da produção literária dialetal, Mário Gardelin tentou, com a ajuda do autor, colecionar toda a série das crônicas. Infelizmente, a maior parte foi perdida, pois ninguém conservou as todas as edições do jornal *A Voz de Marau*.

Atualmente há uma profusão de publicações sobre os mais variados temas, especialmente relatos de estórias, piadas e poesias. Tudo isto graças ao empenho da editora EST, comandada pelo incansável Frei Rovílio e seus auxiliares. Com o surgimento das rádios, o dialeto escrito passou também a ser falado. Os programas radiofônicos,

hoje, atingem várias dezenas, espalhados pelo Estado do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Infelizmente, a qualidade de alguns destes programas deixa a desejar, pois não passam de banalidades e da utilização de algumas palavras mal pronunciadas por pessoas que pouco conhecem o dialeto e a cultura do imigrante.

Por fim, seria imperdoável, não mencionar um conjunto de publicações, já num nível de estudo lingüístico, que as gramáticas, os dicionários e os manuais de ensino do **Talian**. O primeiro trabalho publicado foi o dicionário e a gramática elaborados por Frei Alberto Stawinski. Chamo a atenção do leitor sobre a origem polonesa do autor, isto mostra que os capuchinhos de fato, querendo ou não, acabavam italianizando todos os seus postulantes à vida religiosa e sacerdotal. Isto mostra também que a educação dos seminários capuchinhos, apesar do controle sobre o falar dialetal, acabou ensinando o dialeto. Eu diria que, quem quisesse mergulhar no interior da vida pessoal e familiar dos imigrantes, só conseguiria se falasse e vivesse o dialeto. Ouso dizer que uma boa pastoral, antes de passar pela doutrina católica, devia penetrar na profundidade da vida das pessoas. É assim que vejo e interpreto o trabalho de Frei Alberto e sua imersão na vida e na cultura do imigrante italiano, fenômeno que os sociólogos chamam de inculturação.

Na esteira dos estudos de Stawinski, surgiram outros autores que aprofundaram e ampliaram a organização léxica e gramatical do dialeto vênето falado no Rio Grande do Sul, passando a ser tratado como Talian, uma língua neolatina, como querem seus defensores, entre eles o mais entusiasta é, sem dúvida, Darcy Loss Luzzatto, autor do dicionário mais completo. Novamente, o instrumento de divulgação, para atingir o público, é o *Correio Riograndense*, que, há algum tempo, vem publicando semanalmente uma lição do curso de Talian.

6.4 A passagem da vida rural para a vida urbana.

O imigrante italiano era, na sua maioria esmagadora, *contadino*, isto é, agricultor, que aqui ficou conhecido como colono. Um termo que adquiriu de imediato duas denotações acentuadamente distintas, Uma referida ao homem que trabalha na agricultura. Outra significava uma pessoa grosseira, mal educada e ignorante. Este segundo sentido, certamente, influenciou amargamente a identidade dos imigrantes. Parece que eles acabaram unificando os dois sentidos, tanto que o nível cultural e social confundia-se com as atividades agrícolas. Ser colono significava, ao mesmo tempo, ser um trabalhador da lavoura, e ser ignorante e mal educado. A fala dialetal era tristemente denunciante das origens. O sotaque era suficiente para humilhar. Daí para muitos era muito importante esconder a identidade rural e, se possível, fugir da roça e ir para a cidade.

A passagem do rural para o urbano, acredito que ainda não foi suficientemente estudada. Por isso pretendo nesta minha reflexão, ainda que de maneira superficial, abordar o fenômeno da transição da vida rural para a vida urbana. Tomo como tese inicial que dificilmente alguém poderá negar a estreita vinculação existente entre a vida pessoal e familiar, o ambiente rural e o falar dialetal dos imigrantes. O título deste estudo afirma que o dialeto é a expressão da vida pessoal e familiar, faltou completar, e o faço agora, que seu ambiente natural é o espaço rural, não urbano, pelo menos aqui no Brasil. O dialeto era a única forma de comunicação do camponês, na sua maioria analfabeta. Enquanto as manifestações pessoais e as relações interpessoais se davam na esfera da família e dos trabalhos agrícolas, havia um casamento perfeito entre o falar e o viver. Observando com atenção pode-se perceber como as palavras brotam espontaneamente dos trabalhos, das preocupações e das questões da vida. Um exemplo muito significativo julgo ser o das blasfêmias. A blasfêmia estava estritamente ligada ao tipo de atividade. Por exemplo, o serviço de lavrar a terra com animais, bois

ou mulas, juntamente com a profissão de carreteiro constituíram-se no terreno mais fecundo para a prática de blasfemar. Os próprios peões brasileiros, quando iam lavrar, incorporaram o hábito da blasfêmia. Em contrapartida, os imigrantes adotaram, ainda que com acentuada corruptela, termos que não conheciam referentes a trabalhos que na Itália não eram feitos. Por exemplo, lavrar com bois. Assim a corda de guiar os bois, chama-se regeira, mas os italianos falavam ligeira, ou melhor, lizera. Exatamente, com as letras l e z.

A blasfêmia era um recurso marcante na linguagem do imigrante. Segundo atesta o Pe Sponchiado, até desafios eram feitos, entre pessoas já sob o feito do trago, para ver quem seria capaz de dizer a blasfêmia mais cabeluda. E quem não blasfemasse, não era homem. Entretanto, para os Padres, a blasfêmia era encarada como uma epidemia, objeto de sermões incandescentes, com ameaças da condenação eterna eminente para os viciados, além de possíveis raios que os fulminariam na hora. Mussolini, contava a Nona, que Mussolini, na Itália, condenava os blasfemadores a tomar óleo de manganela. Hoje, pode-se observar que quase desapareceu. Dois motivos podem ser apontados, Um, fala-se menos dialeto. E a blasfêmia é, sobretudo, uma marca italiana. O segundo, o mais consistente, está no desaparecimento quase completo dos trabalhos com bois e mulas, tanto de lavradores, quanto de carreteiros, o humus mais fértil para a arte, ou o vício, de blasfemar. Atualmente, os tratores, os caminhões e as estradas asfaltadas enfraqueceram a genética dos blasfemadores.

Partindo do que acabei de expor, conclui-se que uma vez eliminada a atmosfera da vida rural, o dialeto tende a desaparecer. Sua preservação depende do esforço de grupos falantes e, especialmente, da valorização da herança dos imigrantes e do reconhecimento da importância lingüística de cada língua regional. Em parte, acredito, esta tese é correta. A vida urbana, com certeza, tem força destrutiva, porque é regida por outro sistema de ocupações, especialmente referentes à vida profissional. No caso do Brasil, houve não só a obrigação de falar o português, mas, também, a proibição de falar outras línguas. Hoje, felizmente, a Constituição cidadã veio corrigir esse mal.

A passagem da vida rural para a urbana apresenta duas situações distintas. Uma aconteceu nas três Colônias da Serra do Nordeste, outra, na Quarta Colônia. Em Conde D'Eu, Dona Isabel e Caxias, as sedes das Colônias foram crescendo lentamente até adquirir o aspecto de cidade. Entretanto nelas o ambiente tinha características mais rurais do que urbanas. Com referência à língua, então nem se fala, pois o dialeto continuava sendo a língua falada por todos. De alguma maneira a ordem urbana era uma extensão da ordem rural. Os comportamentos urbanos, capazes de distinguir o habitante da cidade com o morador da colônia, demoraram a aparecer. O surgimento das povoações urbanas, na sua maioria, tanto das sedes quanto dos novos núcleos, aconteceu num ritmo sem traumas. As diferenças eram mínimas. Um aglomerado de casas, uma vila e uma cidade formaram-se de maneira vegetativa. Em geral começava num ponto estratégico, por exemplo, uma encruzilhada, onde a circulação de pessoas era maior, aí se instalava uma venda, uma ferraria, uma carpintaria, uma selaria, por vezes, uma escola. Todos os serviços essenciais para os imigrantes. Ao mesmo tempo construía-se um centro de oração que podia ser um capitel ou uma capela, mas o sonho era ter uma Igreja com Padre permanente, pois com missa diária e, especialmente, dominical, o fluxo de pessoas era maior, o que repercutia favoravelmente para o comércio. Neste sistema de criação das cidades, as iniciativas industriais e comerciais estavam vinculadas às famílias. Era a família que levava adiante o empreendimento, às vezes, quando necessário, recorria-se a empregados. A predominância, desde o começo, de imigrantes italianos favoreceu a manutenção da mesma língua dialetal, pois ela podia ser falada na venda, na fábrica, na indústria, no bar ou no restaurante. Ainda hoje, em muitas cidades da região da Serra do Nordeste, se ouve pessoas falando dialeto, especialmente agora que recebeu um poderoso incentivo diante da valorização do sucesso econômico das colônias, e, mais recentemente, da repercussão do filme **O quatrilho**.

Já na ex-Quarta Colônia, a situação foi bem diferente. Embora os núcleos urbanos tenham surgido da mesma maneira e com os mesmos critérios das outras três Colônias, aqui houve outros fatores que deram outros rumos ao processo de urbanização, especialmente no que se refere à língua. Situada na região central do Estado, com um território muito menor, particularmente se for levada em conta a soma dos territórios das outras três Colônias, uma população, também, menor, e cercada por grupos étnicos diferentes, evidentemente, que seu processo de urbanização acabou por ser afetado. Aqui havia um referencial geográfico e político já consolidado que é Santa Maria, na época da fundação da Colônia, já era município, portanto com um regime urbano bem definido e com a língua portuguesa falada por todos.

Acredito ser importante lembrar que o desenvolvimento inicial da Ex-Quarta Colônia não revelou maiores diferenças em relação às suas coirmãs. Passado pouco mais de meio século, Silveira Martins passou a mostrar um esvaziamento, até certo ponto, exagerado em função de re-imigrações. Talvez as novas frentes tiveram os forte atrativo por serem terras menos acidentadas. O fato é que essa nova situação aliada a um certo esgotamento da força desenvolvimentista atirou a Ex-Quarta Colônia nos braços de Santa Maria. Hoje se pode observar que a diferença com as demais regiões de colonização italiana é notória. Quais seriam as causas reais desta situação inusitada? Num pequeno estudo, publicado em 1986, tentei traçar algumas hipóteses sobre o fato. Não cheguei a conclusão satisfatória, também, não acredito que haja causas precisas em história, mas um conjunto de circunstâncias que levam a tais fenômenos.

No contexto desse meu trabalho quero apontar apenas para o fator da linguagem. Os meus primeiros contatos com a região aconteceram em 1977, um dos aspectos que me chamou a atenção foi a ausência do falar dialetal. Motivado pela valorização do dialeto, devido especialmente às comemorações centenárias da imigração no Estado e animado por estar participando de festas típicas italianas, tentei dialogar em dialeto vênето com as pessoas mais idosas, mas a conversa não prosperou. Aos poucos fui me convencendo que já pouco ou nada se praticava o falar dialetal. Pessoas com quarenta anos ou mais já não sabiam falar, apenas entendiam.

Procurei uma explicação baseada na tese já anunciada anteriormente, a de que o dialeto é a expressão da vida pessoal e familiar. Esta ordem pessoal e familiar desenvolvia-se no ambiente rural como já fiz referência. O ambiente rural na Ex-Quarta Colônia é atingido por fatores que incentivaram o abandono dos falares dialetais. Apontaria quatro. O primeiro é a cidade de Santa Maria, ela é o centro de referência de vida urbana. A maneira mais significativa de urbanizar-se, talvez, a mais ao alcance de todos, era falar português. A vida urbana aqui tinha um ingrediente certo, a língua portuguesa como meio de comunicação de todos. A língua portuguesa era um fator importante para, de um lado, esconder sua condição de colono, tachado de pobre, ignorante e rude, de outro lado, garantir sua aceitação no novo meio social. O segundo é a escola. No interior do território da Ex-Quarta Colônia, em quase todos os maiores núcleos paroquiais, instalou-se um colégio mantido por ordens religiosas. Todos tinham internato, tanto para futuros candidatos à vida religiosa como para leigos. Neles se ensinava português, certamente, em casa, os alunos passaram a falar português. O terceiro é o serviço militar. Santa Maria é a segunda maior concentração de instituições militares. Os jovens descendentes de imigrantes, convocados ao serviço militar obrigatório, forçosamente deviam falar português, e, provavelmente, deviam sentir vergonha de dizer que, quando pequenos em casa falavam dialeto. O quarto fator do abandono da fala dialetal pode ter sido a presença de um grande contingente de imigrantes friulanos. O friulano é uma língua que os vênетos, em geral, não entendem devido as grandes diferenças. Diante disto, recorrer ao português, talvez, tenha sido a maneira mais prática de se comunicarem. Por fim não se pode desconhecer que o território, ocupado pelos imigrantes italianos da quarta Colônia, por ser muito pequeno

e, o que é mais significativo, está cercado por diferentes etnias, que falam outros idiomas, notadamente o português e o alemão.

Resumindo, os descendentes dos imigrantes, marcados pelo ambiente da vida rural, acabaram não construindo seu ambiente urbano como uma continuidade do primeiro, como aconteceu na região das outras Colônias, mas adotaram uma ordem urbana já traçada e dominada pela cultura brasileira. O abandono do falar dialetal fez parte do processo de aculturação à nova ordem sócio-cultural.

7. As festas e comemorações centenárias

As festas que comemoraram as atividades rurais típicas, introduzidas pelos imigrantes, asseguraram muitas características da cultura italiana. A Festa da Uva, promovida em Caxias do Sul, é, sem dúvida, o referencial maior destas festividades. Hoje, se sabe, a uva é apenas a vitrine para mostrar a pujança de um pólo metal-mecânico em que Caxias se transformou. A Festa do Vinho em Bento Gonçalves comemora a transformação da Uva. Hoje, também, tornou-se o atrativo para divulgar a indústria moveleira. Para completar o ciclo da uva, Flores da Cunha celebra a Festa da Vindima, embora, não ofereça um produto, ela mostra o conjunto das atividades que fazem a história de uma cultura típica dos imigrantes, os parreirais. Junto com estas, penso não errar, ao acrescentar a Festa do Champanhe, em Garibaldi, embora sob inspiração dos imigrantes franceses, ela se acabou por italianizar-se completamente. Haveria um contingente maior de comemorações em torno de outras atividades desenvolvidas pelos imigrantes, o importante é observar que elas são verdadeiras consagrações do trabalho produtivo.

As festividades mais decisivas, em favor dos falares dialetais, foram as comemorações centenárias da Imigração. Os programas oficiais deram um caráter de aprovação geral ao trabalho do imigrante italiano, sua contribuição no desenvolvimento do Estado e, por consequência, a plena legitimação da presença de uma cultura e de uma etnia vitoriosas. Agora não havia mais necessidade de esconder-se ou disfarçar. Os desfiles de carros alegóricos, colocando na rua a trajetória do imigrante desde seus sofrimentos, privações e pobreza dos primeiros tempos, até as faustosas conquistas econômicas, industriais e culturais da atualidade, despertaram o imaginário dos descendentes para confirmação de sua herança identitária e de sua tradição. Nada escapava ao aplauso entusiasta e ao reconhecimento de todos, população e governantes.

Neste ambiente a língua dialetal retoma um fôlego impressionante. Reativa-se memória dos mais velhos e estimula-se o interesse dos mais jovens em torno do resgate da tradição e do dialeto, embora, talvez, não mais falado, mais ainda entendido quando os pais ou os avós falavam entre si.

Na linha deste resgate surgem museus, monumentos e homenagens várias, e, ao lado deles, há um novo cultivo do falar dialetal. O mundo passado, representado, não traz apenas objetos, atividades, costumes ou fatos, mas, também, as palavras. Dizem os defensores da pureza de uma língua que se torna difícil protegê-la da invasão de estrangeirismos, porque com o objeto novo importado, não vem só a mercadoria ou a técnica, mas o nome também. Se isto é, para os puristas da língua, um mal, no caso da ressurreição do dialeto vênето tornou-se uma mola propulsora.

Para completar essa última parte quero acentuar o papel forte que desempenhou o filme *O Quatrilho*. Além de dar charme ao sotaque italiano pela boca de artistas famosos, característica que todos os descendentes se esforçavam em apagar, o filme garantiu a legitimidade da contribuição da cultura do imigrante italiano. Ao lado do filme, que teve uma repercussão nacional, lembro o grupo teatral **Miseri Coloni**, sua contribuição é mais regional, entretanto sua presença na Itália mostra seu significado na divulgação dos feitos dos italianos emigrados. Suas peças são

integralmente em dialeto vêneto, o que colabora em muito a formação do ouvido dos espectadores para entender a força expressiva de um falar falado e vivido. Por fim, não posso esquecer de mencionar o personagem Radicci do cartunista Iotti que está alcançando uma expressiva popularidade como representante caricaturado dos imigrantes. Ele apresenta um perfil antropológico muito diferenciado em relação ao Nanetto. Seu caráter é um tanto controvertido, ora ingênuo, ora esperto; muitas vezes grotesco, ao mesmo tempo, afetuoso e rude. Avesse ao trabalho. Muda de atitude e de opinião com muita facilidade. Nunca dispensa um copo ou um garrafão de vinho, sempre orgulhoso de sua italianidade, seja nos gestos, seja na fala.

8. Conclusão

Não se trata de uma conclusão propriamente dita, mas apenas a confirmação de algumas lições recebidas quando se pretende estudar um grupo humano identificado e agrupado por um movimento migratório. Desde que me aproximei da Ex-Quarta Colônia, fiquei surpreso com sua situação muito semelhante a antigos vilarejos da Europa e me perguntei pelas razões de sua decadência. Entre outras razões, que não vem o caso citar, a perda da fala dialetal é um elemento a ser estudado, não sei se como causa ou se como conseqüência, ou as duas coisas juntas. Influenciado pelas teses filosóficas de Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty, penso que uma língua não se restaura sem a valorização e a legitimação da ordem cultural da qual foi força expressiva. Assim, uma língua não se perde, sem a perda da cultura da qual era porta voz. Inicialmente julguei que isso seria impossível, hoje acredito que o dialeto, ou o talian como prefere Darcy Luzzatto, está voltando, evidentemente dentro de um outro contexto e com uma previsão futura não garantida de sua expansão.

Para sustentar minha confiança neste ressurgimento invoco os movimentos alternativos apresentados como reação à modernidade globalizante, e como características da pós-modernidade. Neste sentido Boaventura de Souza Santos insiste que o movimento pós-moderno é o resgate de uma série de valores do passado, especialmente aqueles referentes à vida pessoal e familiar. Valores que a ciência e a tecnologia ainda não teriam destruído, existentes, especialmente, nos povos denominados de subdesenvolvidos. São justamente eles que mantêm vivos os costumes da vizinhança, das interações pessoais, do respeito à pessoa, das características regionais, em fim, de tudo o que diz respeito a uma socialidade da ecologia doméstica (a óikos). Neste mesmo sentido cito Michel Maffesoli, por duas razões. A primeira, por ser neto de emigrante italiano que, ao contrário do meu avô, preferiu ir para a França e não para o Brasil. A segunda, porque é dos que anunciam a ordem tribal como uma nova forma de socialidade humana. Nela as pessoas se unem através dos laços da estética (sensibilidade) constituindo-se numa comunidade de destino, isto é, todos têm o mesmo projeto, o projeto de viver bem e felizes.

Silvino Santin

Santa Maria, 18 de agosto de 2002.